



**UFRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**MONICA DA SILVA ROSA**

**IDENTIDADE DE VESTUÁRIO DOS NEGROS EM ASCENSÃO NO BRASIL**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

Monica Da Silva Rosa

IDENTIDADE DE VESTUÁRIO DOS NEGROS EM ASCENSÃO NO  
BRASIL

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras, pelo curso de Letras/Francês da  
Universidade Federal Do Rio De Janeiro.  
Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista da Silva

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

## AGRADECIMENTOS

Dedico essa monografia aos meus pais Sueli e Adilson que me apoiaram financeiramente para cursar em uma faculdade federal pública localizada a 2 horas e meia longe da nossa casa, meu irmão Caio, minha avó Maria da Penha, tia Sandra, a tia Selma que me ajudou com muitos livros de francês e incentivo, e toda a minha família. As minhas amigas de infância: Monique, Michele, Thaisa, Carol, e em memória de Jariene.

As minhas amigas de escola: Larissa, Maiara, Diane e de faculdade: Wellington, Rhenan Carlos, Renata de Oliveira, Renata Justin, Letícia, Jéssica Cristina, Caroline Louback, Caroline Fontes e entre outros que me ajudaram sentimentalmente, com os estudos e não me deixaram desistir por mais difícil que fosse.

A amiga de longa data da minha tia Selma, Suzete que me orientou a me inscrever no curso de letras/ francês, pois após a ida a casa dela em Paris em 2014, vimos que seria um ótimo curso para mim no momento.

Ao meu namorado Felipe que faz meus dias melhores, mais alegres. Todos esses e mais algumas pessoas maravilhosas que conheci nesse caminho universitário fizeram com que meus dias ruins na faculdade se tornasse um pouco melhor, que souberam me ouvir e que eu ouvi também muitos conselhos que agregaram para a minha vida não só a acadêmica, mas a minha vida social também.

Ao meu orientador Sérgio Baptista, que ao longo das disciplinas das didáticas e práticas de ensino, ele pode me proporcionar leituras que vieram acrescentar a essa monografia e na minha vida.

A minha professora Lúcia Helena do estágio em língua portuguesa, que foi ministrado no colégio Amaro Cavalcanti, que podemos trocar conhecimentos como professora e aluna, aprendi muito com ela, no ensino presencial e a forma de ensinar tradicional com giz e quadro.

Aos professores de língua francesa Miriam e Paulo do Colégio Aplicação UFRJ (Cap), com eles pude ter o primeiro contato com o ensino remoto em um colégio público, conhecimentos que eu vou levar para a minha vida inteira.

Agradeço a todos a paciência comigo, o respeito, a amizade, a troca de conhecimentos ao longo da minha graduação e por me amarem.

## RESUMO

Este trabalho segue a linha dos campos social e linguístico, com o tema “O VESTUÁRIO DOS NEGROS EM ASCENSÃO NO BRASIL”, que tem como objetivo mostrar que há uma necessidade de busca de identidade de estilo de roupa dos negros, após se ascenderem financeiramente, em consequência do sucesso na carreira no qual ele escolheu para a sua vida. A pesquisa desse trabalho se baseia nos séculos XIX, XX e XXI, desde os tempos da libertação dos negros até o ano de 2022. Com a ascensão social negra, há uma busca de se identificar com a loja, onde os negros adquirem as suas roupas, no sentido de representatividade. Nessa monografia são discutidas as roupas das mulheres negras em ascensão no território brasileiro, porque histórias sobre as roupas das mulheres no Brasil são pouco discutidas. Será também abordado como as negras em ascensão no Brasil se identificam com o seu cabelo natural, que antes era inferiorizado, hoje as mulheres negras aprenderam a valorizá-lo e se aceitar.

Palavras chave: Identidade; Roupas; Negras ; Ascensão, Brasil;

## RÉSUMÉ

Ce travail suit la ligne du champ social et linguistique, avec le thème "l'habillement des noirs en hausse au Brésil", qui vise à montrer qu'il y a un besoin de rechercher l'identité du style vestimentaire des noirs, après avoir augmenté financièrement, à la suite du succès dans la carrière dans laquelle il a choisi pour sa vie. La recherche pour ce travail est basée sur les 19ème, 20ème et 21ème siècles, de l'époque de la libération des noirs jusqu'à l'année 2022. Avec l'ascension sociale des Noirs, il y a une recherche d'identification avec le magasin, où les Noirs acquièrent leurs vêtements, dans le sens de la représentativité noire. Dans cette monographie, les vêtements des femmes noires en pleine ascension sur le territoire brésilien sont abordés, car les histoires sur les vêtements des femmes au Brésil sont peu discutées. Il sera également question de la manière dont les femmes noires en plein essor au Brésil s'identifient à leurs cheveux naturels, qui étaient autrefois considérés comme inférieurs. Aujourd'hui, les femmes noires ont appris à les valoriser et à s'accepter.

Mots-clés : Identité ; Vêtements ; Négritude ; Brésil.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. A identidade na forma de se vestir no século XIX.....	10
2.1.1 Século XX.....	13
2.1.2 Século XXI.....	16
3. O sexismo da mulher negra.....	21
4. Negritude.....	23
5. Branquitude.....	26
6. Conclusão e considerações finais.....	29
7. Bibliografia .....	31

## 1. Introdução

Esse trabalho tem o objetivo mostrar a importância de ter um estilo para a população negra, a identidade de vestuário dos negros em ascensão no Brasil, o surgimento do empoderamento negro e a valorização do consumo do empreendedor negro, como forma de resistência, para se vestir bem e se sentir bem.

A palavra resistência é substantivo feminino que, conforme o minidicionário Soares Amora, edição de 2009, tem como significado:

“1. Ação ou efeito de resistir; 2. Oposição a uma força, à passagem de uma corrente elétrica ao movimento de um corpo; defesa contra um ataque; 4. defesa; reação; 5. Relutância”.

Soares Amora, edição de 2009.

A Lei do ventre livre lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, no qual consta no site da Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, que “declara todos os negros nascidos de mães escravas eram livres e a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, promulgadora do fim da escravidão no Brasil”, quando essa lei se tornou vigente, ocorreram grandes consequências como: rebeliões, mortes dos senhores do engenho, acompanhadas da ascensão política e financeira da população negra, ainda que apenas em casos extremamente raros.

Essa monografia contará sobre essa pequena exceção dos negros que conseguiram estudar e, com isso, melhorar o seu estilo de vestimenta, causando-lhes mais conforto e novas formas de exercer sua liberdade através do estilo e da beleza.

Apesar da lei nº 3.535, de 13 de maio de 1888, que está no site da Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, onde relata o fim da escravidão, no qual os negros ficaram à mercê dos ricos e estrangeiros, visto que não foram criadas leis que incluíssem pessoas que foram desabrigadas e retiradas do seu convívio social, não foram dadas terras para que os negros ex escravizados pudessem cultivar e morar. Como consequência, a população negra acabou vivendo nas ruas e, mais para frente, construindo suas próprias comunidades.

Os negros tinham muitos empecilhos como alcançar um bom estudo, conseguir um trabalho digno, como o conforme o site do Planalto, a Constituição Brasileira do Império Do Brasil de 25 de março de 1824 diz que:

“escola é direito de todos os cidadãos brasileiros”  
“XXXIII. Collegios, e Universidades, aonde serão ensinados os  
elementos das Sciencias, Bellas Letras, e Artes”.

Porém, somente os negros libertos, que por sua vez eram poucos, salvo aqueles poucos libertos que conseguiram boas condições de vida. Os que conseguiam entrar no meio educacional eram expulsos das escolas, discriminados nas salas de aula, levando a uma grande evasão escolar.

Na época do império, educação dos negros era hierárquica, passada de pai para filho, ou pelo Griot da comunidade, onde é uma figura emblemática e importante para que a cultura africana no Brasil tivesse continuidade

Conforme o artigo “Recordar é preciso”: considerações sobre a figura do Griot e a importância de suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira, de Amanda Crispim Ferreira, o nome Griot é uma pessoa mais velha da família que sabia das histórias antigas do seu povo africano e que ajudava a fomentar a cultura e não fazia com que essa caísse no esquecimento. Nas tribos africanas existem ainda os Griots, conhecidos também com o nome de “contador de histórias no Brasil e no mundo”.

Com a memória dos antepassados resguardada, a cultura africana no Brasil não foi totalmente dizimada, porém boa parte dessa manifestação cultural foi proibida durante décadas, e, com claro cunho racista. Além disso, a cultura africana era atuada como crime, pois era denominada como vadiagem. E o ritmo musical, o samba, que no qual os racistas diziam que era um ritmo barulhento e desagradável, juntamente com o estilo das roupas dos negros, mais despojadas, informais e mais confortáveis, influenciavam para que as pessoas racistas, tivessem preconceito com o diferente, ocasionando a prisão dos negros por vadiagem.

No Brasil, a vadiagem foi considerada crime durante o final da ditadura militar do presidente Getúlio Vargas por meio do decreto-lei 3.688 de 1941 está no site da Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, o qual afirma que:

“Um cidadão podia ser detido por até trinta dias de prisão se não comprovasse que estava trabalhando na rua naquele momento, além de considerar instrumentos de samba como instrumentos de vadiagem, de uma pessoa que está “à toa” na rua”.

Os Músicos que em 2022 são consagrados sofreram com essa lei, pois na época, além de ser enquadrado no caso de vadiagem, o sambista não era levado a sério. Como consequência, muitos sambistas e músicos negros foram perseguidos e presos, como o famoso músico negro



João da Baiana (1887 - 1974), cantor, compositor e pandeirista, que havia sido parado pela polícia diversas vezes por se somente um músico negro com o seu instrumento musical, andando na rua, indo ou voltando de um evento.

Desde da época da escravidão e até hoje no ano de 2022, o Brasil tem uma das polícias que mais mata e prende pessoas negras no mundo por motivos torpes, tendo como os principais estados são Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio de Janeiro e em São Paulo, conforme os dados que constam no site da agência Brasil, publicado em 14/12/2021. Muitas vezes, é feito o reconhecimento do suspeito por uma simples foto da pessoa, sem a comprovação de provas, esse fato é um resquício da época da escravidão, que evidencia o racismo velado da sociedade moderna, e reconhece automaticamente a pessoa negra como culpada somente pelo fato dela ser negra.

A lei da vadiagem foi criada em 1941, mas somente em 2009, foi aprovado a sua revogação por uma iniciativa do deputado Paulo Pereira (PT/SP), criando-se assim uma nova lei de nº 11.983, de 16 de julho de 2009. Aprovada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, onde se lê oficialmente no site da presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos jurídicos: “Revoga o art. 60 do Decreto-Lei nº 3688, de 3 de outubro e 1941 – Lei de Contravenções Penais”.

O preconceito contra o samba e músicas de matrizes africanas são grandes, e hoje, em pleno século XXI, ainda persiste o preconceito contra estes ritmos musicais e estilo de roupa de cada manifestação musical, como também no funk e no rap.

“É a cultura, é o país, local geográfico, fronteira e territórios reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com calor de novos corpos, lar memória consciência de um lugar com qual e tem uma ligação especial”.

(Roberto Damatta, 1984).

Na citação acima elaborada pelo autor Roberto Damatta, na qual indica que o Brasil é um país miscigenado, onde cada região possui a própria cultura, mas que ao mesmo tempo se mistura, e está sempre em constante mudança. O jeito de se vestir dos negros em ascensão do século XIX, XX e XXI, (como médicos, cabelereiros, artistas, blogueiros e etc, negros que alcançaram sucesso nas carreiras que eles escolheram para a sua vida), não é o mesmo tanto pelo tempo quanto pelo fator histórico, pelas mudanças climáticas, pelo preconceito que cada um enfrentou em determinado momento para que usasse um tipo de roupa, cabelo ou acessório em determinado lugar.

O povo negro se reergueu, se empoderou, estudou, criou voz e conseguiu chegar nas classes sociais mais altas da sociedade, apesar dos empecilhos dos privilégios brancos e estrangeiros.

O negro criou a sua própria identidade de se vestir, falar, se organizar, criou movimentos, como o Movimento Negro e o Movimento Negro Unificado, que se expandiram com o crescimento do estudo em diferentes níveis de escolaridade, incluindo o acesso as universidades públicas e particulares, e após o século XXI, com o avanço da internet nas classes baixas, nas favelas e nas comunidades.

Com a lei das cotas para os negros em vigência em universidades públicas Lei 12.711, de 2012 e a Lei 12.990 de 12 de 09 de junho de 2014 que reserva 20% das vagas para os negros em cargos públicos, ambas leis recentes no Brasil, que contribuíram com a ascensão do povo negro, verificou-se que ocorreu o aumento de 50,3% de alunos negros em faculdades públicas e 46,6% na rede privada, conforme o site do Senado.

Neste trabalho também é pautado que a preferência nacional brasileira para o mercado de trabalho e para relacionamentos é de pessoas de pele branca, por consequência do racismo estrutural e enraizado nos brasileiros que não aceitam que pessoas negras possam estudar, se vestir bem e ser a melhor escolha no mercado de trabalho. O resultado dessa revolta são conflitos sociais e diferenças de classes sociais.

## 2. A identidade na forma de se vestir no século XIX

A identidade da pessoa negra é inicialmente formada através da família ou pelo grupo de pessoas no qual essa pessoa foi inserida na vida, como pessoas que não têm vínculo sanguíneo, mas têm o vínculo do coração, o sentimental, visto que as pessoas adotadas têm uma família que agrega valor afetivamente.

A formação da identidade também é gerada no círculo de amigos que a pessoa tem desde criança e também no âmbito social que ela vive, no qual aborda a classe social, estilo de vida e também o modo de como o seu vínculo social age politicamente.

Após o indivíduo adquirir a identidade familiar, de amizade e social, vem a identidade escolar. Na escola, a visão de mundo e as questões sociais são debatidas e tocadas em um ponto que o estudante nunca imaginou que podia alcançar, ler, aprender e saber mais sobre diversos assuntos. A partir daí a sua visão de mundo é amplificada.

No século XIX no Brasil, a igreja interferia em assuntos como os preceitos de uma família, a educação, a moral, os costumes, a tradição e na política pública, mas a igreja se

preocupou pouco com a educação da população negra. O sistema da igreja tinha como foco a educação dos índios que incluía catequizá-los, ensinar os ensinamentos da igreja católica e fazer com que eles acreditassem em um único Deus.

Os portugueses que seguiam os ensinamentos da igreja católica eram propensos a destruir a identidade do povo negro, alegando que tal religião ou algum evento eram considerados do diabo por falta de informação, destruindo assim a identidade, no qual designa de onde o povo negro veio, a seu local de nascimento.

Crianças negras e mestiças eram criadas no interior da cidade no mato, onde a educação era precária, e não havia escolas.

“Um dos primeiros caminhos a serem trilhados nessa direção poderá ser o da inserção, nos cursos de formação de professor e nos processos de formação em serviço, de disciplinas, debates e discussões que privilegiem uma relação entre cultura e educação, numa perspectiva antropológica.

A pesquisa antropológica nos ajuda a compreender que a cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico.

De acordo Nilma Lino Gomes que cita um trecho do sociólogo e antropólogo francês, Denys Cuhe (1999) que diz “a respeito as vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, e as particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico social”.

As questões raciais deveriam ser aplicadas nas escolas, nas escolas de formação para professores desde os tempos da abolição e também em faculdades, para que a exclusão da cultura negra e a discriminação racial não tivessem um aumento. Como há relatos em pleno ano de 2022, se tivesse um estudo, e as pessoas brancas fossem antirracistas não existiria tantos racistas e pessoas com intolerância religiosa com relação as religiões de matriz africana e também aos indígenas que também pouco se fala em salas de aula.

Mesmo sendo formalizada a lei de nº 10.639 sancionada em 2003 pelo o então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileiras, inserindo “o estudo da história da África e dos africanos” nas escolas do Brasil, os alunos ainda saem da escola achando que o continente Africano é um país e o povo africano é um só, não sabem que o continente é composto por 54 países, compostas por 2000 línguas catalogadas e reconhecidas mundialmente.

Por exemplo, na faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro a UFRJ, somente quem cursa a faculdade de português/ literaturas tem acesso à cultura africana com a disciplina chamada de Poesia Africana. Já as outras habilitações de origem latina como: francês,

árabe, italiano e espanhol, não têm um estudo da cultura africana, que seria importante para a formação dos professores, especialistas em pesquisas e em tradução.

É importante ressaltar que haja uma troca entre professor e aluno no âmbito escolar, do ensino regular, do ensino normal para professores, no qual o professor passa a cultura africana e suas literaturas para o aluno, o estudo social de forma que abrange todas as classes, a transmissão do ponto de vista do professor e do aluno, fazendo com que o aluno tenha uma visão de mundo diferente do que é ensinado para ele dentro de casa, acontece então a extensão de conhecimento do aluno.

“Não é só um conjunto de fatos históricos ou instituições, e sim o fundamento de nossa identidade. Nossa brasilidade é um estilo, uma maneira particular de construir e perceber a realidade”  
(Roberto Damatta).

O Brasil por ser um país miscigenado, com diversas etnias de povos que vieram e dos que já existiam aqui, cada região fez a sua própria cultura, modo de vestir, de falar e comidas típicas.

As regiões do Brasil buscam a sua brasilidade, a sua identidade, sendo que o povo negro é considerado um só, apesar de serem diferentes, porque existe a irmandade de conhecer outro, sem discriminar, apontar dedos.

A identidade de uma pessoa não se forma sozinha, ela é um conjunto de saberes, dos seus ancestrais, com o que é passado a escola e na vida social.

O conhecimento dos fatos históricos a fundo, faz com que se possa conhecer fatos que nunca foi passado em escolas porque as escolas do Brasil tinham um desejo de embranquecimento, ou seja, não eram passadas as culturas antigas de matriz africana, e eram passados somente a cultura de origem europeia, elitizada.

Um dos fatos históricos que não foi passado nas escolas sobre o período colonial escravocrata no qual Lazaro Ramos relata em seu livro “Na minha pele” :

“ Os eventos abolicionistas eram chamados de “ batalhas das flores”. O Quilombo do Leblon, por exemplo, instituiu a camélia como símbolo antiescravista. Quem defendia a libertação dos escravos usava as camélias na lapela, e assim os fugitivos podiam identificar ajuda nas ruas. Muitas personalidades importantes, como Rui Barbosa, usavam a flor ou a cultivavam no jardim de sua casa como forma de protesto” (Na minha pele. Ramos, Lazaro. 2017)

No museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, localizado no centro da cidade, próximo à praça XV, é possível verificar a exposição fixa, das roupas da família real, e não está em exposição, as roupas das famílias de prestígio negras da época. Pois as roupas se perderam em grandes brechós.

A identidade na forma de se vestir vem como um reconhecimento de pontos de vistas de uma sociedade negra que passou a estudar mais sobre os processos de construção de imagem, de produção de uma roupa, até que essa peça venha até ele na venda.

Sabendo de todos os processos de uma empresa o consumidor negro sabe se a empresa na qual ele está adquirindo a peça, trabalha com a valorização do trabalho negro, sem a exploração do seu trabalho, com um salário compatível com o mercado e que não tenha a diferença de salário entre brancos e negros.

“A palavra “identidade”, que passou a aparecer com cada vez mais frequência, calou fundo em mim.

Ao mesmo tempo, comecei a ter clareza de que essa não é uma “questão dos negros”. É uma questão de qualquer cidadão brasileiro, ela diz respeito ao país, é uma questão nacional.

Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos, e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça”. (Ramos, Lazaro).

### 2.1.1 Século XX

O livro Raízes do Brasil relata a mudança do modo de vida rural para o urbano que beirava as primeiras décadas do século XX na sociedade brasileira, é importante salientar que essa mudança veio logo após a revolução de 1930, no qual ocorreu o impeachment do atual presidente Washington Luís, último presidente da república velha e elegendando assim o presidente Getúlio Vargas, presidente então que contribuiu para que as classes brasileiras operárias trabalhadoras crescessem, em um período que somente se empregava no mercado de trabalho braçal operário, os estrangeiros, como os italianos e portugueses.

Getúlio Vargas então aplicou a lei dos 2/3 em agosto de 1931, que obrigava toda empresa ter 2/3 de seus empregados brasileiros e 1/3 estrangeiros, aumentando assim a classe trabalhadora e operária brasileira, gerando mais empregos e mais condições de vida melhor, porém essa lei não se aplicava a pessoas negras, esses tiveram que lutar pelos seus direitos, indo nas empresas e provando que eram brasileiros para adquirir a vaga.

O ex-presidente Getúlio Vargas era considerado pelo Doutor da Uerj Amauri Mendes Pereira “o pai dos pobres”, porque a classe baixa que era rejeitada pela maioria dos políticos

da época de Vargas, eram falados com frequência pelo ex presidente e por causa dele cada vez mais brasileiros começaram a entrar no para o local de trabalho.

O historiador e crítico literário Sergio Buarque de Holanda desenvolve um raciocínio até chegar as verdadeiras “Raízes do Brasil” livro escrito por ele, no qual parte da análise que seriam Portugal e Espanha, fronteiras da Europa, passando pela cultura da personalidade e da aventura, depois dissertando sobre a herança que o brasileiro carrega consigo.

Para Sergio Buarque, Portugal e Espanha não faziam parte do bloco econômico e cultural da Europa. Portanto ele nomeia o primeiro capítulo como “Fronteiras da Europa”, porque para ele a Ibéria apresentava uma cultura miscigenada, influenciada por diferentes religiões e invasões de outras civilizações que não faziam parte do bloco dos países centrais do continente europeu.

Na sociedade Ibérica era possível e desejável que houvesse uma ascensão social, a mobilidade social era permitida e incentivada.

O Brasil é herdeiro da cultura Ibérica, mas promove uma transição de classes suave e devagar, o brasileiro dá um jeito de se virar, de viver, de se vestir bem, o famoso “jeitinho brasileiro”<sup>1</sup> ou o como o dito popular “sou brasileiro e não desisto nunca”<sup>2</sup>.

No Brasil existe com força o privilégio branco que demonstra que por mais que o negro tenha um bom estudo, estude na mesma faculdade que o branco, tire as melhores notas, as empresas de grande porte irão preferir para o trabalho um branco, com a desculpa de que o negro não faz parte do perfil da empresa, e que perfil seria esse? Já que o seu currículo condiz com o trabalho proposto, é tudo uma questão de cor de pele.

Mas, quando o brasileiro consegue chegar lá, a sua riqueza, a sua ascensão social, ele começa a se tornar uma pessoa pública porque não consegue guardar para si, o que conquistou com tanto esforço, começa a usar roupas extravagantes, que não condiz com o seu meio, o seu

- 
1. Jeitinho brasileiro: “é o típico processo por meio da habilidade, e engenhosa manobra que alguém torna possível o impossível, justo o injusto, legal o ilegal.” EGITO, R. S.; MONTEIRO, W. F. O JEITINHO BRASILEIRO: Analisando suas características como ferramenta de conveniência e seus prejuízos sociais. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 128-146, 2018. DOI: 10.30781/repad.v2i2.6254. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/view/6254>. Acesso em: 06 de março de 2022.
  2. Sou brasileiro e não desisto nunca: “objetivo da frase foi descrever/interpretar a(s) identidade(s) do sujeito brasileiro que foram produzidas e difundidas pelas mídias audiovisuais quando dos dois maiores eventos esportivos realizados no Brasil na última década: a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016.” Silva, Thiago Ferreira da, “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”: por uma análise antropológica do discurso. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/180612>>. Acesso em: 06 de março de 2022.
-

âmbito familiar, as suas amizades começam a mudar e não valoriza mais os amigos de infância, que são heranças do sistema, começando a se tornar um deles, ou seja, uma daquelas pessoas ricas que vem de família rica, negando a própria família.

O Discurso de posse de Darcy Ribeiro, onde se encontra no site oficial da Academia Brasileira de Letras, onde antropólogo, sociólogo, historiador e político, recebeu a cadeira de número 11 em 1993, relata em uma parte que o brasileiro não é africano, não é português, e nem de outros países, ele está sempre buscando uma identidade.

Ele diz que o Brasil é uma Roma melhorada, e que o brasileiro é o processo de outros e de outros, e quem ao mesmo tempo tem uniformidades, na linguística, mas o Brasil não é homogêneo. E Ribeiro não expressa de que região do Brasil ele está dizendo, então ele generaliza em um total.

“Nas Américas, não houve nunca possibilidade nenhuma de que os povos avassalados mantivessem sua identidade. Primeiro, os índios que aqui estavam; depois, os negros para cá trazidos, e também os brancos e até os orientais, foram todos radicalmente transfigurados. Isso se operou com tamanha brutalidade, que desfez, étnica e culturalmente, quantos foram engajados no processo, para de todos fazer neoeuropeus genéricos, mais homogêneos que qualquer dos povos propriamente europeus. Tanto é assim que os países europeus guardam mais idiomas e variantes dialetais nas falas de seus povos que nós americanos.

Somos, pois, inelutavelmente, uma criatura mais da civilização ocidental, condenada a expressar-se dentro dos seus quadros culturais. Uma romanidade tardia, tropical e mestiça. Uma nova Roma, melhor, porque racialmente lavada em sangue índio, em sangue negro. Culturalmente plasmada pela fusão do saber e das emoções de nossas três matrizes; iluminada pela experiência milenar dos índios para a vida no trópico, espiritualizada pelo senso musical e pela religiosidade do negro. Deste caldeamento carnal e espiritual, surgimos nós, os brasileiros”. (Ribeiro, Darcy 1993).

A ascensão dos negros não se dá apenas pela troca do seu status social com os estudos e trabalho, é uma junção de fatores que causa que essa pessoa venha ter no seu âmbito social uma forma diferente de vida diferente da que seus país, avós e descendentes tiveram, dando ênfase a frase mais dita das pessoas que se ascendem socialmente “eu vou trabalhar para que meu filho tenha o que eu não tive”.

### 2.1.2 Século XXI

O ator e escritor Lazaro Ramos relata a formação dos fatores que resultam na ascensão social de um indivíduo negro que vem de periferia, que também inclui a convivência com a família, saúde física e mental, essa última que era um tabu nas grandes famílias, considerado uma palavra restrita pela sociedade brasileira não só a negra como a geral:

“Qualidade de vida, acesso a saúde, lazer, cultura e possibilidade de potencializar os talentos de sua família, a qualidade das relações de afeto e qualidade político-econômica, que envolve o poder de compra, representatividade política, acesso a pontos de comando e as redes de relações (que, sim, são muito importantes na nossa sociedade). Por fim, subjetivos, mas que fazem todo sentido para mim: são os olhos livres de preconceitos ou reconhecimento de beleza nos traços físicos negros”. Na Minha pele. Ramos, Lazaro. 2017.

A representatividade, a identificação de pessoas negras com a política que engloba as lutas raciais, que podemos citar a luta a favor das cotas raciais, o envolvimento do movimento negro na política podia deixar mais fracos os movimentos negros ou mais fortes no mundo, dependendo da causa que é apoiada no momento histórico e do partido político.

Na última oração do parágrafo acima de Ramos, ressalta o “reconhecimento de beleza nos traços físicos negros”, no qual em uma pesquisa feita no estado de Minas Gerais da Nino Lino Gomes pode-se observar o crescimento de salões de beleza Étnicos, voltados para o cabelo crespo, cacheado, ondulado, ou seja, cabelo de traços da beleza negra, no qual existem diferentes cortes, penteados, formas de hidratar, massagear, nutrir, no qual, o estilo de cabelo que foge totalmente do padrão eurocêntrico de cabelo liso, feito com chapinha e prancha, ou até mesmo o uso de produtos químicos que alisam o cabelo.

A pesquisa revela ainda que com os passar dos anos o nome dos salões passaram de afro para os Étnicos, valorizando a cultura afrodescendente de modo geral e não focando na cultura americanizada.

“A pesquisa realizada destaca o importante papel desempenhado pela dupla cabelo e cor da pele na construção da identidade negra e importância destes, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro vê e é visto pelo outro, inclusive aquele que consegue algum tipo de ascensão social. Para esse sujeito, o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações continua sendo visto como uma marca de inferioridade”. Gomes. Nina Lino.



O Salão Beleza Natural, no qual a sua criadora foi Heloisa Helena Belém de Assis Marinho, a famosa Zica, mulher negra retinta que se ascendeu socialmente após a sua linha de produtos de beleza e salões crescerem e se tornarem uma grande rede, foi um dos primeiros salões de beleza negra no rio de Janeiro a criar produtos que hidrata, dar brilho, faz penteados, em cabelo cacheados e crespos, porém ela é um salão que em 2022, é criticada, por ao passar dos anos criar um modelo padrão de cabelos cacheados e sem volume e alisando a raiz de forma agressiva, não valorizando as raízes do povo negro no qual o cabelo também se encontra.

Esse trabalho não tem objetivo de insultar, a Zica a dona da rede de salões Beleza Natural, tem o objetivo de mostrar de como acontece as tensões dos salões voltados para pessoas negras, com a moda atual étnica, a subjetividade, que segundo o dicionário Amora Soares 2009, concernente a sujeito, que passa exclusivamente no espírito da pessoa, que está no sujeito e não na coisa, aquilo que é subjetivo, e a auto estima de cada pessoa negra.

A Zica participou de uma palestra internacional em 2012, criticando o cabelo crespo e valorizando somente o cabelo cacheado, ela dizia que o cabelo com a textura de crespo era feio e não balançava, e alegando que somente quem tinha a textura de cabelo cacheado e com comprimento abaixo dos ombros era bonito, essa afirmação foi alvo de críticas pelas pessoas do movimento negro, abordando assim uma temática que ridiculariza o cabelo sem ondulações e traços de um cabelo cacheado, o cabelo crespo.

Conforme o Portal Gelédes, a Zica na sua apresentação fala mal do seu próprio povo, o negro falando mal do próprio negro, ridicularizando um povo, isso acontece quando o negro não reconhece como ele é bonito naturalmente, quando ele não valoriza o seu “eu”, fomentando ainda mais a inferiorização do negro.

Aprender a se valorizar a gostar de si próprio desse o dia do nascimento, é passado de geração a geração o hábito de se gostar de si, sem ser narcisista ou soberbo, uma forma de se amar sem prejudicar as suas raízes.

O cabelo crespo natural da raça negra é alvo de críticas e de falas racistas desde os tempos dos primórdios, podemos verificar uma diferença de imagem e de ato racista, de quando uma mulher negra de cabelo crespo perde uma vaga no mercado de trabalho por assumir a sua verdadeira textura de cabelo, esse pensamento de que cabelo enrolado é mais bonito, sociável e aceitável, vem de uma era racista, que o próprio negro agregou para a vida dele.

“Para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos brasileiros”. Lino Gomes, Nilma.

Os negros que não assumem a sua verdadeira raiz dos seus antepassados negros, como por exemplo: que alisam o cabelo, usando perucas e os homens raspando a cabeça, para poder entrar no mercado de trabalho e serem aceitos pela sociedade e alcançar a tão sonhada ascensão social.

“Nossos velhos tinham vergonha de seu passado, por causa do seu sofrimento. É por isso que nossa história fica com essas brechas”  
(Ramos, Lazaro).

Essa afirmação de Ramos vem com o consentimento de que nossos avós e avôs não gostam de conversar sobre a escravatura, sobre seus avós e avôs e tataravós que foram escravos, ou que até mesmo não é possível se montar uma árvore genealógica completa da família, porque foi devastada por causa da escravidão, para a dor e sofrimento não voltar, não vim à tona, nossos antepassados preferem calar e não falar sobre o assunto escravidão.

As palavras de uma personagem do livro de Conceição Evaristo *Olhos d'água* (2014), que diz “ a gente combinamos de não morrer”, constituem uma epígrafe<sup>3</sup> para um comentário sobre os *Olhos d'água*, que faz parte de uma coleção de contos. Trata-se da frase chave que veste uma grande quantidade de questões sociais e existenciais recorrentes na escrita da autora, para começar a construir a sua construção ficcional e reiterar sua unidade temática.

Conceição Evaristo ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando a pobreza e a violência urbana “ultimamente na favela tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora”.

“A gente combinamos de não morrer”, uma forma de resistência a imagem da violência, é um conto, que contém uma sequência realista, a maioria dos contos de Conceição Evaristo segue essa temática.

O corpo da mulher negra foi desde os tempos do império destinado ao trabalho, em razão disso, a autora inventou uma conjuntura de palavras para enaltecer a mulher, como por exemplo “coragem medo”, mesmo estando com muito medo a mulher vai lá e faz, com isso nasce uma coragem, um exemplo é quando se tem medo de andar de avião, mas mesmo assim

---

3. Epígrafe: (substantivo feminino) “Inscrição; palavra ou frase que serve de tema de um assunto”. Amora, Soares.

a pessoa vai lá e anda de avião.

O que está em Olhos d'água é o empoderamento feminino e todo o sofrimento que a mulher negra carrega diante da sociedade, mas não deixa de ser um texto político e feminista e essa palavra “empoderamento”, vem sendo usada com frequência a partir do século XXI pela comunidade negra será explicada no capítulo desse trabalho sobre a Negritude.

Com o empoderamento, a valorização das roupas dos negros que estão em ascensão surgiu a geração tombamento, que é um grupo de jovens que usam roupas chamativas, maquiagens que chama atenção, para se auto afirmar que o negro é lindo de diferentes formas e essa afirmação vem em formato de exagero, um grito para a sociedade racista e elitista.

“A discussão acerca dos limites que definem a chamada “Geração Tombamento” é recorrente em ambientes de militância do movimento negro. Esse debate costuma levantar problemas relacionados com a sociedade de consumo e o processo de empoderamento. Próxima da estética apresentada pelo Afro-Futurismo, movimento artístico que imagina um mundo pós racial, a geração tombamento é marcada pela inovação, a arte, a dança e a música.

Por um lado, se pensa que os acessórios, tranças, roupas e maquiagens de cores vibrantes, além da atitude confiante, são sinais de uma adesão à sociedade de consumo, uma espécie de empoderamento às avessas que relativizaria demais os aspectos de classe.

Por outro, apontam a incompreensão desse processo como benefício estético e político, de auto aceitação e superação de estereótipos. Um passo que não ignora as contradições do capitalismo e flerta com suas estratégias de consumo para a construção de uma identidade independente e questionadora”. (Neto, Solon. Gelédes)

A valorização da estética negra veio fomentada através da arte, também divulgada no Teatro Experimental (TEN), criado por Abdias do Nascimento (1914 – 2011), fazendo com que uma classe que não ia ao teatro por ser inacessível em questão de valores ir pela primeira vez.

“Nesse universo, o principal efeito era a valorização do negro- o que alguns chama de elevação de autoestima. Faziam muito sucesso os bailes no clube Renascença, no Rio, e nos clubes Marcílio Dias e Floresta Aurora em Porto Alegre, e vários outros espalhados, os blocos afro em São Luís, Salvador, Belém... Grupos de teatro, atores negros como Milton Gonçalves e Ruth Souza, também mobilizaram energia dos militantes...” Alberti, Verena: Pereira, Almicar, Araujo, pg12.

A autora Djamila Ribeiro também ressalta no seu livro no qual a valorização é importante para o crescimento do reconhecimento o povo negro, possui cultura multiversas e que a educação e arte andam de mãos dadas.

“Buscou valorizar a cultura afro-brasileira por meio da educação e da arte, formulando uma estética própria para além da reprodução da experiência de outros países e visando o protagonismo do povo preto”. Ribeiro, Djamila pg 29.

Apesar da cultura negra vem crescendo com a população estudando e mudando de vida a autora Djamila Ribeiro destaca exemplificando com dados, que existe uma pirâmide social no âmbito de trabalho e também com relação ao salário, primeiro vem o homem branco abaixo a mulher branca, abaixo dela o homem negro e por fim a mulher negra.

A mulher negra ela possui dois empecilhos o de ser mulher e de ser uma mulher negra, os homens negros conseguem mais trabalhos com uma remuneração maior que uma mulher negra, não importando o seu nível de estudo e experiência, ou seja, a pessoa acaba adquirindo um sub emprego, que não é da sua área seja escolar, técnico, faculdade, mestrado, doutorado, e acaba alcançando empregos como copeira, merendeira, faxineira, garçõete, operários de obra, entre outras profissões consideradas o sub emprego, a mão de obra.

Isso ocorre em uma entrevista de emprego no qual o empregador prefere uma pessoa branca menos qualificada para um determinado serviço do que uma pessoa negra que dedicou anos de estudos e estágios não remunerados para concorrer ao cargo e quando chega ao seu mérito, que é terminar o seu objetivo, na maioria das vezes não é alcançado e quando é alcançado é uma grande minoria, uma exceção na sociedade negra.

“Mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros e mulheres negras ganham menos que todos. Segundo a pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Previdência social em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2016, 39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%).

Ainda segundo a pesquisa, mulheres negras eram o maior contingente de pessoas desempregadas e no trabalho doméstico. Essa e outras pesquisas que pensam a partir dos lugares marcados dos grupos sociais conseguem estar mais próximas da realidade e gerar demandas para políticas públicas. Isso porque, quando se insiste nessa visão homogênea de homens e mulheres, homens negros e mulheres negras ficam implícitos e acabam sendo beneficiários de políticas importantes, estando mais apertados ainda, de serem aqueles que pensam tais políticas”. Ribeiro Djamila pg 40.

Segundo o artigo de Verena Albertini e Almicar Pereira de 2005 “o atraso social do negro dever-se-ia exclusivamente a escravidão (e não ao racismo)”

Essa afirmação acima entra em contradição com os dados mais recentes coletados em 2016 pela autora Djamila Ribeiro em 2016 no IPEA, no qual demonstra que o racismo contribui para o desemprego de homens e mulher negras retintos.

A escravidão o Brasil contribuiu para o atraso nos estudos, na qualidade de vida, no psicológico e ao mesmo tempo o racismo pós escravidão contribuiu para que os negros não se ascendessem socialmente, porque ocorreu a discriminação pela cor nas famílias brancas, a discriminação não nasce da pessoa branca, ela é descendência familiar.

Se uma mãe branca de uma criança ensinar que a cor de pele negra e um cabelo crespo ou cacheado, é inferior à dela por ser diferente, essa criança vai crescer que o que é diferente da família dela é feio e começa a discriminar, estamos no século XXI, não basta somente leis de combate ao racismo, as famílias devem se conscientizar e parar de apontar o dedo para o diferente.

Porque o Brasil é um país miscigenado, não existe raça pura.

---

4.Epígrafe: (substantivo feminino) “Inscrição; palavra ou frase que serve de tema de um assunto”. Amora, Soares.

### 3. O sexismo da mulher negra

A mulher negra ela é julgada pelo seu modo de se vestir desde a colonização até o século de hoje XXI, e achada mais atraente pelos homens brancos que se diziam sentir mais prazer com uma mulher negra de com a sua senhora branca esposa.

Conforme o sociólogo Gilberto Freyre no livro Casa-grande e senzala, ele retrata que a mulher branca era vista como uma mulher bonita, prendada, de bons dotes, que vem de família rica e nasceu para casar, a mulata para costear os seus desejos sexuais e a mulher negra retinta, era para trabalhar.

Visto que a mulher branca usava vestidos com uma grande quantidade de anáguas que são forros usados abaixo do vestido, que exibiam uma protuberância, quanto mais cheia a sua saia maior poder aquisitivo a mulher se prostrava ter.

Enquanto as mulheres escravizadas usavam pouca roupa, com os seios quase a mostra, as saias e os vestidos que exibiam os quadris e a curvatura da mulher negra, fazendo assim que

os homens brancos se achassem no direito de estar sendo convidados a se aproveitar daquele corpo, que estava amostra.

“As mulheres negras escravizadas eram tratadas como mercadoria, propriedade, portanto não tinha escolha. Nesse contexto, não há como negar que elas eram estupradas pelos senhores de engenho” Ribeiro. Djamila pg 84.

Os adultérios eram considerados entre os homens brancos como uma tradição, como se todo homem branco casado tivesse uma concubina para se deitar quando se tivesse estressado pelo trabalho, afazeres da casa grande, ou por outro qualquer motivo fútil.

As concubinas não se resumiam a somente uma, eram várias, propagando assim diversas doenças venéreas da época, como por exemplo a sífilis.

Na época do Brasil colônia o número de mulheres brancas, as que eram “para casar”, era menor que o número de mulheres negras, mas a igreja católica que tinha um grande poder e voz na sociedade, incentivou o casamento entre portugueses e índias, porque elas eram consideradas esteticamente mais bonitas que as mulheres negras que não tinham traços finos, tinham traços negróides, como nariz largo e cabelos crespos, os casamentos na igreja de negros e mestiços eram proibidos.

O fragmento do texto da advogada Gleide Fragra para o site Géledes relata sobre a solidão da mulher negra, porque ela é colocada nessa situação de solidão, no qual a pele de uma mulher negra é discriminada ainda no século XXI, mostra que a discriminação não acabou e a descolonização não vem sendo estudada, os pensamentos dos brancos com relação a pele negra continua sendo o mesmo.

“ver-se colocada como segunda opção, pois nós mulheres e negras, somos colocadas como as “mulatas de carnaval”, num turismo sexual completamente exacerbado frente a mídia brasileira que nos vende como meras bundas carnavalescas, e isso impactando diretamente nos relacionamentos, faz com que eu esteja colocada no lugar da amante, da fogaosa, da “boa de cama”, da “mais quente”, a que desperta desejo, mas nunca amor/paixão.” Fragra, Gleide.

Essa visão de que toda mulher negra fosse do carnaval, vem de uma imagem que a mídia, que inclui jornal impresso ou online, televisão, blogs, sites e redes sociais, passa para a rede internacional, as pessoas de outros países tem uma visão estereotipada da mulher negra,

como se todas elas soubessem sambar e vivessem disso, e quando chegam no Brasil e verificam que as mulheres negras são seres plurais, que são médicas, advogadas, estilistas, modelos, políticas, cargos públicos que exigem muita dedicação, os estrangeiros se espantam.

“Como muitas pessoas negras que circulam em espaço de poder, já fui “confundida” com copeira, faxineira ou, no caso de hotéis de luxo, prostituta. Obviamente não estou questionando a dignidade dessas profissões, mas o porquê de pessoas negras se verem reduzidas a determinados estereótipos, em vez de serem reconhecidas como seres humanos em toda a sua complexidade e com suas contradições”. Ribeiro, Djamila pg 25.

A mulher negra quando estão em lugares em que sua grande maioria é branca, e por mais que esteja bem vestida, arrumada, maquiada, com um bom salto alto é confundida com prostituta.

Em 2020 mulheres famosas feministas, como a atriz Mariana Ximenes, protestaram na internet, nas redes sociais, contra a palavra *Tomara que caia*, que se refere a uma blusa feminina sem mangas ou sem alças, no qual esse novo formato para designar o nome da blusa já é falado em outros países, como na França “chemisier sans bretelles” blusa sem alças.

O nome da blusa “tomara que caia” tem o tom machista e sexista, esse nome não sexualiza somente as mulheres negras, são todas de modo geral, quando se é falada gera constrangimento entre elas, no qual um homem fica querendo que a blusa caia mesmo para que ele possa ver os seios dela.

A primeira marca de roupas que assinou o novo nome foi a empresa brasileira Hering, no qual fez uma campanha do mês das mulheres, em março de 2022 com a nova coleção, já com a blusa com o novo nome “blusa sem alça”.

#### 4. Negritude

A negritude é um movimento de pessoas que visam valorizar a raça negra, de um modo que as roupas sejam evidenciadas como forma de expressão, imposição de uma sociedade negra, que a partir de sua vestimenta possa se glorificar, para expressar que subiu de classe social.

“Apesar de já ser usada pelos feministas e, posteriormente, pelos meios de militância negra, essa palavra “empoderamento”, começou a se disseminar por toda sociedade a partir dos anos de 2010. Hoje em dia é dita com fluidez na

internet, nos programas de auditório e até por quem não é militante ou não entende bem seu significado” (Ramos, Lazaro).

A palavra “empoderar” no dicionário Soares Amora da edição de 2009, não existe, porque ela só ganhou força com a expansão do uso das redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram, que só foram criados em 2004, 2006 e 2010 respectivamente, todos criados nos Estados Unidos, onde os debates sobre negritude já vinham sendo debatidos com força nessas redes sociais, mas até chegar no Brasil esse debate demorou, e por isso o uso da palavra empoderar era recorrente nos EUA.

Conforme o dicionário online atualizado Michaelis 2022, Empoderar: em·po·de·rar, verbo transitivo direto e verbo pronominal, com o significado de investir (-se) de poder, a fim de promover ações que possam provocar mudanças positivas no grupo social.

A ampliação do uso da internet para as comunidades e áreas rurais do Brasil, resultou que pessoas de classe social baixa e média pudesse se ascender socialmente com o uso constante da internet, com esse uso surgiu no mundo digital as blogueiras e os blogueiros, que são pessoas que postam nas suas redes sociais a sua rotina de vida, de trabalho e convívio social, no qual milhares de pessoas puderam conhecer outras através da internet.

Com essa ascensão de pessoas negras no mundo real e digital, nasceu a representatividade, uma outra palavra que vem sendo debatido dentro da negritude, tem como significado, pessoas que se identificam com outras da mesma raça, status social, gênero e orientação sexual, a representatividade é ampla e não se restringe somente a negritude, mas o foco desse trabalho é a negritude.

No minidicionário Soares Amora da edição de 2009 não existe a palavra representatividade, somente as palavras; representante, representar e representativo, que apresentam a metade do sentido que seria representatividade, que é uma palavra nova e que tem o seu uso corrente no mundo digital.

Conforme o site Politize se define a representatividade como:

“A representatividade é a expressão dos interesses de um grupo (seja um partido, uma classe, um movimento, uma nação) na figura do representante. De forma que aquele que fala em nome do coletivo o faz comprometido com as demandas e necessidades dos representados. Portanto, falar de representatividade revela o sentido político e ideológico por trás do termo”.

A representatividade tem como fator a construção de subjetividade e identidade dos grupos e indivíduos que integram esse grupo”.



É notório salientar que no século XXI, a sociedade não identifica as dificuldades dos negros no dia-a-dia, a constatação vem quando pessoas brancas estão no mesmo convívio social que a pessoa negra, quando as pessoas estudam sobre questões raciais, ou somente o próprio negro identifica as suas dificuldades, porque ele não é tratado como um igual e sim, como o negro, a pessoa excluída da sociedade independente de classe social e do local que vive.

O reconhecimento do trabalho e do estudo do negro vem com muita luta, e a união de várias classes sociais que se juntam para valorizar cada tipo de trabalho e cultura, o uso da internet ajudou muito no crescimento dessa valorização, nascendo assim o crescimento de jornalistas e blogueiros especializados no assunto questão pele negra.

Seja ela em questões de política, social, roupas, maquiagens, cabelo, formas de tratamento em lugares públicos, como se deve denunciar a forma de racismo ocorridos em lugares públicos, privados e o crime da internet.

Sendo assim após os negros estudarem e se ascenderem socialmente, dos anos de 2010 á 2022 o crescimento de blogueiras e pessoas negras que se tornaram famosas e ricas com o seu posicionamento em qualquer assunto que rege o povo negro.

Como por exemplo o site *Mundo negro* elegeu em 2020 as 50 blogueiras que as pessoas devem seguir, por serem as mulheres negras mais influentes no momento, o site reconhece como forma de representatividade essas mulheres negras, que chegaram ao topo de suas carreiras, tornando que nada é impossível, tirando o lugar onde somente uma mulher branca tinha o poder de fala, o poder de se expressar, se impor diante de qualquer assunto proposto.

Com a evolução e crescimento do uso do Instagram e do Twitter, o uso das palavras blogueiras e blogueiros veem é decorrente pelo número de pessoas que alcançam o sucesso e o reconhecimento, com isso surgiu outra palavra no meio digital que é chamado de influenciador/a digital que tem o mesmo conceito e significado de blogueiro.

O blogueiro emprega os sites de blogs e sites de domínio próprio da pessoa, o influenciador digital ele está em várias redes sociais.

Com o crescimento dos influencers digitais negros, as pessoas do mundo real se identificam com o jeito de vestir, e são influenciadas a comprar e consumir produtos, que antes não eram feitas propagandas por pessoas negras, a indústria demorou a entender que o negro/negra também se veste, se maquia, se diverte, sai de casa, usa salto alto. Com isso surgiu um movimento na internet para que pessoas negras consumam de pessoas negras chamado de Movimento Black Money, possui um site com o mesmo nome, Instagram e twitter, no qual ele incentiva o crescimento de empresas de pessoas negras com a ajuda do meio digital que também envolve questões de luta racial e social.

“Falar de representatividade negra e feminina é falar de uma vida de luta para ser respeitada como mulher e negra. É falar de um exercício diário para acabar com a objetificação de seu corpo e sua transformação em sujeito de direitos. Desta maneira, a ação de ocupar todos os espaços deve ser entendida como um ato político. Entretanto, o próprio sistema político e os pressupostos tradicionais da democracia liberal representativa podem se apresentar muito mais como um entrave que como oportunidade para a mulher negra”. Andréa Franco Lima e Silva e Grécia Mara Borges da Silva, pg 45.

Outro movimento que foi criado em cima do empoderamento negro foi a “geração tombamento”, criado por jovens negros, tem como objetivo mostrar o porquê vieram ao mundo, tendo a sua roupa e música como forma de protestar contra o racismo e movimentos opressores contra a raça negra e espalham o movimento através da música.

A cantora rapper paranaense Karol Conka ajudou a ampliar esse movimento com a música intitulada “tombei”, que explica o porquê se deve sim se valorizar, chamar a atenção, esse “tombei”, não é sentido de cair, mas o sentido de calar uma sociedade racista, mostrando que a raça negra tem potência, tem voz e poder.

A frase “se não for para causar eu nem vou”, faz parte do conceito do movimento, o verbo causar tem o sentido de chamar atenção, causar choque nas pessoas, ser alvo, e dar as pessoas motivo para que falem deles de alguma forma, como por exemplo uma roupa de cor chamativa em um lugar em que todos usam preto, valorizando a auto estima da comunidade negra.

É importante salientar que essa geração tombamento surgiu na área urbana, com acesso à internet, também se expandiu nas grandes periferias das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo.

A Mc Carol de Niterói/Rio de Janeiro, também faz parte dessa geração tombamento, e nas suas músicas revela identidade, valorização da mulher negra e o empoderamento feminino, ela destaca na entrevista para a revista online Glamour “Acho muito bonito como estamos mostrando mais nossas personalidades e identidades por meio da forma de se vestir e maquiar. E essa atitude não parte só do visual, mas também das ideias”.

## 5. Branquitude

O empoderamento feminino da a voz ao combate da apropriação cultural, mulheres negras que reclamaram de mulheres brancas que usam elementos da cultura negra, sem ao menos estudar, e pesquisar sobre o assunto, surgindo o que se chama de Blackface, no qual se enquadra como uma forma de racismo, o pejorativo, difamatório, como o uso de maquiagem para a pele negra

em pele branca, ou o uso de turbantes sem ao menos ter o consentimento sobre a relação desses elementos com a cultura negra, que além de incluir a maquiagem, a roupa, turbantes, inclui também casamentos, crenças, cultos, atos religiosos, toda uma crença envolvida e uma história de luta, genocídio e feminicídio que o povo negro carrega em si, resultando no apagamento de uma cultura.

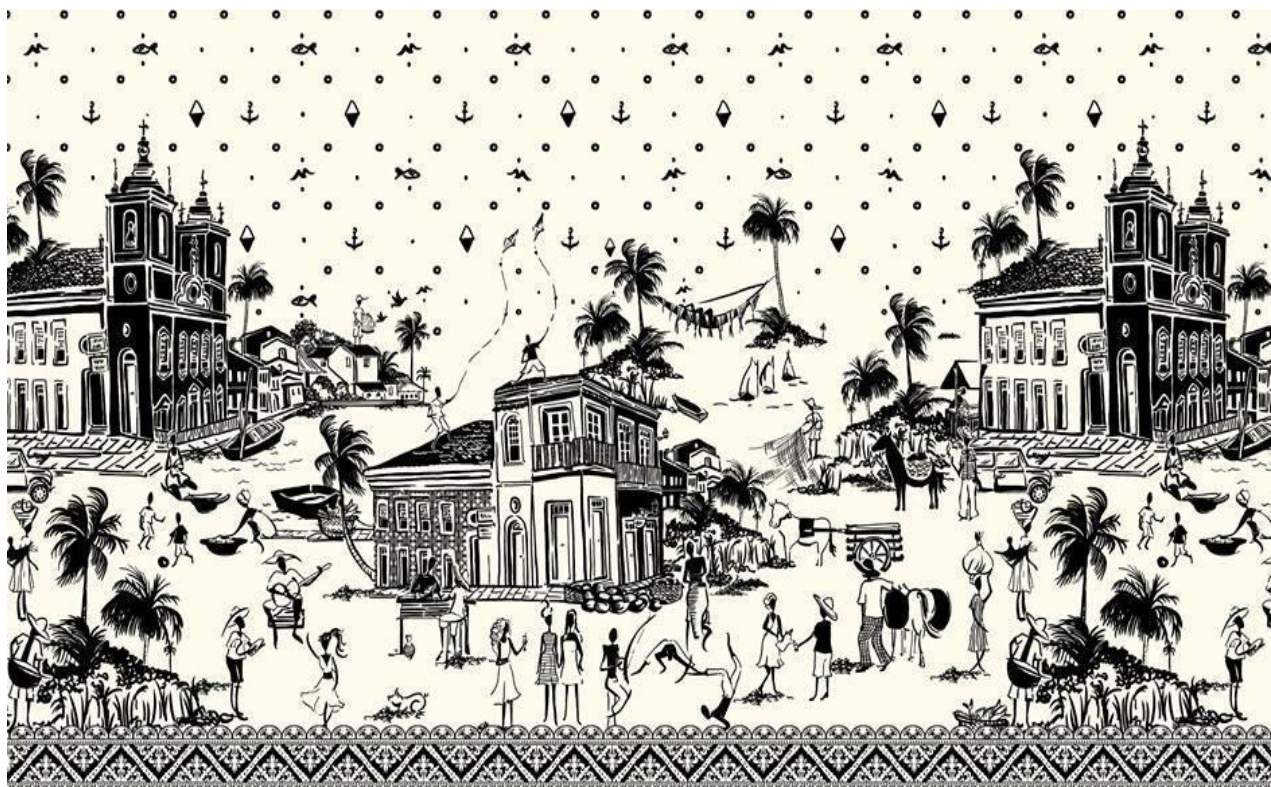
“Na esteira da indústria da moda, por exemplo, surge infinidade de denúncias de apropriação cultural. A falta de comprometimento ético com a história de alguns grupos impede que se conheça minimamente alguns traços culturais e de identidade que deveriam ser respeitados”. Wilhan, Rodney.

A empresa de roupas caras Farm, roupas que a sociedade negra de classe média baixa ou baixa não tem condições de comprar por cada peça ser o equivalente a quase um salário mínimo, foi acusada em 2020 de plágio, apropriação cultural e racismo, porque ela imitou uma fantasia do carnaval de 2016 para a coleção de 2020, no qual a marca apropriou de uma fantasia idealizada e construída por uma estilista e empreendedora negra, que ficou muito ofendida com a situação e o caso gerou repercussão pela mídia.

A marca também é acusada de racismo por estampar figuras em suas roupas no qual mostram pessoas negras sendo escravizadas na época do Brasil colônia, exalando e afirmando o racismo contra o povo negro, valorizando a cultura da escravização e do ódio contra o povo negro.

O caso de racismo veio a público depois de um blogueiro chamado J. Angelo denunciar nas suas redes sociais e formalmente sobre o ato vergonhoso da empresa de roupas femininas, masculinas e acessórios do Rio de Janeiro, a empresa Farm.

A estampa era essa abaixo, no qual estava estampada em blusas, vestidos, saias, uma coleção inteira cultivando uma sociedade racista:



A Braquitude também apareceu em desfiles de moda como o famoso São Paulo Fashion Week, que é a semana de moda organizada na capital paulista, com o intuito de mostrar as coleções Primavera/ verão, outono/ inverno das marcas de grandes grifes.

Aconteceu o embranquecimento dos desfiles no qual aconteceu no desfile Fashion Week que somente mulheres e homens brancos caucasianos desfilaram, a sua grande maioria loiros de olhos claros, sendo que o Brasil é um país miscigenado, com a comprovação de com mais de 54% população brasileira é negra, consulta feita pelo IBGE, os dados são de 2016, e podem ser maiores, pois estamos em 2022.

Após esse episódio que ocorreu com uma marca, a empresa Luminosidade organizadora do evento São Paulo Fashion Week se pronunciou: “Em 2009, acertou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com o Ministério Público, que obrigava que 10% das modelos de cada desfile deveriam ser negras ou de descendência indígena”. Revista Época.

Se as marcas descumprissem os termos pagaria uma multa de até 250 mil reais, sendo que o termo foi vigente até 2011 e atualmente se discutem sobre a obrigatoriedade de 50% dos negros em desfiles de moda em todo o Brasil, mas essa afirmativa dos 50% já é válida desde o final de outubro de 2020, somente para os desfiles da semana de moda de São Paulo o SPFW, isso já é um grande avanço a se considerar pelos desfiles anteriores.

O embranquecimento do povo negro também acontece quando uma pessoa, tem convívio com pessoas brancas e passa a negar a sua cultura, passa a acreditar que o racismo não existe, porque vive em mundo de pessoas brancas, em uma bolha.

Aceitando somente a cultura branca, passando a se negar como negro também, a negar as suas origens, seu corpo, como por exemplo: afinando o nariz, alisando o cabelo, mudando totalmente a estrutura do cabelo de quando era criança.

Porém esse embranquecimento passa quando o negro sofre racismo, quando ele sente na pele a dor, e fica sabendo que o racismo realmente existe, passando pela experiência do racismo, ele começa a lembrar de suas origens de onde veio, da sua criação, da sua família, e um passado de muita luta em questões políticas e mortes dos seus antepassados.

## 6. Conclusão e considerações finais

Esse trabalho de pesquisa foi dirigido durante os anos de 2021 e 2022, no qual foi produzido dentro dos conhecimentos sobre racismo, o sexismo da mulher negra, e empecilhos para arrumar um emprego. E se fundamentando no empoderamento do povo negro em ascensão social, em particular se baseando no povo negro brasileiro.

Assim sendo, não foram encontradas dificuldades para a pesquisa no quesito representatividade e o trabalho no geral, foi possível encontrar, artigos, jornais, revistas, livros, e sites, sobre um tema que se tornou popular, famoso. Mas esse tema, somente no século XXI ele veio a público, alcançou mais pessoas, com a ajuda da internet, outros meios de comunicação como rádio e televisão não eram possíveis, a troca de comentários de pessoas comuns, que vivem na comunidade, as favelas do Brasil, que não tinham acesso as informações sobre os direitos do povo negro, passaram a ter acesso.

O povo começou a se informar e a estudar, coisa que não era possível no século XIX, o negro que conseguia estudo era caso raro, e quando conseguia era descriminalizado pelo próprio educador e as entidades educacionais.

Mesmo a escravidão tenha sido “acabada” em 1888, hoje em 2022 a polícia do Brasil ainda tem uma polícia que mais mata, é um órgão público que deveria proteger e não matar.

A escravidão não acabou porque podemos ver as nas estatísticas que o homem negro recebe menos que o homem branco, e a mulher negra recebe menos que o homem negro, primeiro pelo fato de ser negra, por seu corpo ser sexualizado desde os tempos do império, da escravidão, no qual as mulheres de pele mais retinta eram consideradas como uma segunda

mulher ou puta do senhorzinho, que estava ali para tudo o que ele quisesse, realizar os seus desejos sexuais, e segundo pelo fato de ser mulher.

A carga horária de trabalho, de uma mulher negra pode ser maior e o salário menor, ou a carga de horário de trabalho a mesma de uma pessoa branca e praticando mesma função, que vão receber menos.

Infelizmente nesse país racista e sexista, não adianta a mulher negra estudar muito, ser a melhor da turma, fazer uma boa faculdade, que ela vai ser taxada como a coitada, a burra, a puta, vai ser questionada como ela conseguiu tal vaga na faculdade, se beijou ou deitou com alguém para conseguir algo, e não pelo seu esforço, estudo, e a sua inteligência mesmo.

E depois quando termina a faculdade, coisa que hoje, ela pode ter sido a primeira mulher negra da família a concluir uma faculdade seja ela pública ou particular, vai ser questionada quando chegar ao mercado de trabalho, zombada, debochada, e outra questão que entra é a sua identidade, que quando a mulher negra estuda, ela encontra as suas raízes ou seja, ela assume o seu cabelo, assume de onde veio e a sua família, coisa que era negada na época da escola com o uso de alisamentos capilares químicos.

Entra então os negros que se acham como brancos, pensam como eles, difamando o próprio negro, quando esse assume as suas raízes, parando de usar produtos químicos capilares.

Com os estudos e o crescimento pessoal, o negro começa a se vestir melhor e estudando sobre a sua cultura, ocorre a valorização da sua cultura que acaba ficando famosa, todos querem usufruir do que ficou conceituado, que virou referência e tendência na moda, como as roupas estampadas, e os brancos aproveitaram que a cultura negra “está na moda” se apropriaram, pegando artefatos que seriam de um povo e colocando no seu museu na Europa, copiando as roupas típicas, as formas, os panos, os apetrechos das roupas expondo para a venda nas suas lojas de grife e de luxo, lucrando com uma cultura que não é deles e sim do povo negro.

E sem um conhecimento prévio o branco acaba expondo novamente o racismo velado, estampando nas roupas as referências do povo escravizado como no caso da empresa de roupas Farm, que expôs referência que gostaríamos de esquecer, de um passado nebuloso que, é a todo momento lembrado pelos brancos de forma errada.

Apesar de existir políticas públicas para o conhecimento das raízes africanas, o estudo do continente e suas literaturas, não é aplicado nas escolas e nas faculdades, não possui uma fiscalização, para que seja estudado as várias culturas que foram apagados por uma sociedade elitista europeia e branca, a falta de conhecimento sobre o continente africano nas escolas é tanta que as crianças não sabem que o continente africano é composto por diversas culturas e tradições e que possuem 54 países e que a África não é um país.

O povo negro deve continuar estudado se valorizado, se enriquecendo, se vestindo bem, buscando a sua representatividade, se assumindo como negro, sem esquecer de suas raízes, que na verdade vieram de povos ricos do continente Africano, são descendentes de reis, rainhas, sociedades ricas e também descendentes de pessoas escravizadas e não de escravos.

E os brancos devem ensinar aos seus filhos a serem antirracistas, estudarem mais a história do povo negro e não apontar o dedo dizendo que vieram de um povo de escravos, devem buscar conhecimento sobre uma cultura que foi aos poucos exterminada com o genocídio.

A política deve criar mais leis que apoiam os movimentos negros, os povos negros como forma de reparação cultural e histórica, fazendo também com que as leis existentes contra o racismo e as cotas sejam realmente vigentes, fazer valer o que foi sancionado.

E finalmente que hajam mais espaços nos trabalhos e nos estudos e em qualquer meio de comunicação, para os negros, que nunca percam os seus direitos por lei já estabelecidos, que busquem a sua ascensão social buscando todos os seus direitos, assim se vestindo com classe sem perder as suas raízes e construindo a sua própria raiz.

## 7. Bibliografia

Da Matta, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? 1ª edição – São Paulo: Rocco, 1986.

Pequeno manual antirracista/ Djamila Ribeiro.- 1ª edição. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824). [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm). Acesso em 05 de março de 2022.

Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annaul de escravos... [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em 06 de março de 2022.

Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%203.353%2C%20DE%2013](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%203.353%2C%20DE%2013). Acesso em 06 de março de 2022.

Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. DECRETO LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941. Lei das Contravenções Penais. Site: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del3688.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm). Acesso em 06 de março de 2022.

Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 11.983, DE 16 DE JULHO DE 2009. Revoga o art. 60 do Decreto-Lei nº 3688, de 3 de outubro e 1941 – Lei de Contravenções Penais”. Site: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11983.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11983.htm). Acesso em 06 de março de 2022.

Ipea.com.br. Revista de informações e debates do Instituto de pesquisa econômica aplicada. História - O destino dos negros após a Abolição. 2011 . Ano 8. Edição 70 - 29/12/2011. [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673%3Acatid%3D28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28). Acesso em 06 de março de 2022.

“RECORDAR É PRECISO”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA DO GRIOT E A IMPORTÂNCIA DE SUA NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA AFRO-BRASILEIRA. Amanda Crispim Ferreira, Mestranda em Teoria Literária do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários / UFMG. Site: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/3813/3759>. Acesso em 07 de março de 2022.

Negros são maioria dos mortos em ações policiais em seis estados. É o que revela pesquisa da Rede de Observatórios de Segurança. Agência Brasil. Índio do Brasil, Cristina. Publicado em 14/12/2021. Site: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-aco-es-policiais-em-6-estados>. Acesso em 07 de março de 2022.

Amora, Antônio Soares. Minidicionário Soares Amora da Língua portuguesa. – 19ª Edição. – São Paulo: Saraiva, 2009.



Site BBC News Brasil: Quando tocar samba dava cadeia no Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51580785>. Acesso em 07 de março de 2022.

Câmara dos deputados. Direito e justiça. Biografia de Marcos Rolim. <https://www.camara.leg.br/deputados/73484/biografia>. Acesso em 07 de março de 2022.

Freyre, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2007 (1933).

Holanda. Sergio Buarque De. Raízes do Brasil. Companhia das Letras. 26ª edição. São Paulo. 1995. Editora Schwarcz.

Fundação Getúlio Vargas, A ERA VARGAS: dos anos 2º a 1945. Site : <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/Revolucao30>. Acesso em 07 de março de 2022.

Ribeiro. Darcy. Discurso da posse de Darcy Ribeiro. Academia Brasileira de Letras. 1993. Rio de Janeiro. Site : <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/discurso-de-posse#:~:text=Discurso%20de%20posse,-%2DA%20%2BA&text=Meus%20nobres%20pares%2C%20aqui%20estou,me%20antecederam%20na%20Cadeira%2011>. Acesso em 07 de março de 2022.

O Movimento negro no Brasil. Portal Geledes. Albertini, Verena e Araujo Pereira, Almicar. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?gclid=Cj0KCQjw0JiXBhCFARIsAOSAKqBg4H6iXtCZmsZbJD8Im6rNLnE0mMk8AuZlgIEbSKXWWGqwTxfrfoaAiPsEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?gclid=Cj0KCQjw0JiXBhCFARIsAOSAKqBg4H6iXtCZmsZbJD8Im6rNLnE0mMk8AuZlgIEbSKXWWGqwTxfrfoaAiPsEALw_wcB). Acesso em 08 de março de 2022.

EGITO, R. S.; MONTEIRO, W. F. O JEITINHO BRASILEIRO: Analisando suas características como ferramenta de conveniência e seus prejuízos sociais. Revista Estudos e Pesquisas em Administração, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 128-146, 2018. DOI: 10.30781/repad.v2i2.6254. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/view/6254>. Acesso em: 08 de março de 2022.

Ferreira da Silva, Thiago. Eu sou brasileiro e não desisto nunca: por uma análise antropofágica do discurso. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/180612>>. Acesso em: 08 de março de 2022.

Olhos d'água. Evaristo, Conceição. 2014. Pallas 1ª edição. Rio de Janeiro.

Amora, Antônio Soares, Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa. 19ª edição. São Paulo: Saraiva, 2009.

Dicionário online Michaelis: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/empoderar/>. Acesso em 28 de março de 2022.

Site Mundo Negro: <https://mundonegro.inf.br/representatividade-na-internet-50-blogueiras-negras-para-voce-seguir/>. Acesso em 28 de março de 2022.

Movimento Black Money: <https://movimentoblackmoney.com.br/sobre/>. Acesso em 29 de março de 2022.

Site Geledes, curso geração tombamento: [https://www.geledes.org.br/curso-geracao-tombamento/?gclid=Cj0KCQjw3IqSBhCoARIsAMBkTb0jmEp69Q\\_CCUFpQFz4r67cHvVfj-C7i8LNGej8Vvcpk6wcUx8AdpAaAgv1EALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/curso-geracao-tombamento/?gclid=Cj0KCQjw3IqSBhCoARIsAMBkTb0jmEp69Q_CCUFpQFz4r67cHvVfj-C7i8LNGej8Vvcpk6wcUx8AdpAaAgv1EALw_wcB). Acesso em 29 de março de 2022.

Benarush Kauffmann, Michele. Termos básicos para catalogação de vestuário. 2014. 1ª edição. Uma adaptação do Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume do ICOM International Committee for Museums and Collection of Costume. Disponível em: <http://www.museusdoestado.rj.gov.br/>, acesso em 29 de março de 2022.

Site Glamour. Conheça a geração que fez da estética uma ferramenta política de combate ao racismo: <https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2019/11/dossie-tombamento-geracao-que-fez-da-estetica-uma-ferramenta-politica-de-combate-ao-racismo.ghtml>. Acesso em 29 de março de 2022.

Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS Revista de Ciências Sociais / ISSN 2594-7664 Artigo recebido em 29 de jun. 2019 / Aprovado em 14 de nov. 2019 “Falando a voz dos nossos

desejos”1 : os sentidos da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras “Speaking the voice of our desires”: the meanings of representativeness and standpoint on black women’s political actions.: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/9156/6271>  
Andréa Franco Lima e Silva e Grécia Mara Borges da Silva.

Acesso em 29 de março de 2022.

Site Politize. Representatividade: entenda o conceito.

<https://www.politize.com.br/representatividade/>. Acessado em 29 de março de 2022.

Site Geledes, a solidão da mulher negra por Greide Fragra: [https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulhernegra/?gclid=Cj0KCQjw3IqSBhCoARIsAMBkTb23iYBS2mYnV4J2k20b1qtC\\_aKug8TI31d8wrnHgp\\_yD5LRaCz1a1AaAsXNEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulhernegra/?gclid=Cj0KCQjw3IqSBhCoARIsAMBkTb23iYBS2mYnV4J2k20b1qtC_aKug8TI31d8wrnHgp_yD5LRaCz1a1AaAsXNEALw_wcB). Acesso em 29 de março de 2022.

Dez anos após sanção, norma passa por avaliação e reacende o debate sobre reserva de vagas para negros e indígenas nas universidades. Site do Senado: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/02/lei-de-cotas-tem-ano-decisivo-no-congresso>. Acesso em 31 de março de 2022.

LEI Nº 12.990, DE 9 DE JUNHO DE 2014. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Site do Planalto: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112990.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112990.htm) . Acesso em 31 de março de 2022.

Por que o ‘blackface’ é uma forma de racismo.

Site Gelédes: [https://www.geledes.org.br/por-que-o-blackface-e-uma-forma-de-racismo/?gclid=CjwKCAjw0a-SBhBkEiwApljU0qaI-Q5FGLY94jmw-zjebbAovlipixVyckGGFhL2QXAcfuaHUJNhcxoCCEcQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/por-que-o-blackface-e-uma-forma-de-racismo/?gclid=CjwKCAjw0a-SBhBkEiwApljU0qaI-Q5FGLY94jmw-zjebbAovlipixVyckGGFhL2QXAcfuaHUJNhcxoCCEcQAvD_BwE). Acesso em 05 de abril de 2022.

Apropriação Cultural. Wilham, Rodney. Capa comum – Edição padrão, Outubro2019. 1º edição. Editora Jandaira. Coleção feminismos plurais.

Estilista acusa marca de plagiar roupa criada por ela: “A Farm é contrária aos meus valores, tenho ranço dessa branquitude e da apropriação cultural”.

Site. Notícia preta, matéria por Rocha, Igor. Publicado em 17/01/2020. <https://noticiapreta.com.br/estilista-acusa-marca-de-plagiar-roupa-criada-por-ela-a-farm-e-contraria-aos-meus-valores-tenho-ranco-dessa-branquitude-e-da-apropriacao-cultural/#:~:text=A%20loja%20de%20roupas%20Farm,cat%C3%A1logo%20da%20Farm%20este%20ano>. Acesso em 05 de abril de 2022.

Site: Geledes. Esta estampa da Farm levantou um novo debate sobre racismo no mercado da moda. Publicado em 15/07/2017: [https://www.geledes.org.br/esta-estampa-da-farm-levantou-um-novo-debate-sobre-racismo-no-mercado-da-moda/?gclid=CjwKCAjw0a-SBhBkEiwApljU0m0JYjipZjhnn1FKy4umCDQUXUKrDuiFa3J7mVGnCcFOMsBHRRA5ehoCl-0QAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/esta-estampa-da-farm-levantou-um-novo-debate-sobre-racismo-no-mercado-da-moda/?gclid=CjwKCAjw0a-SBhBkEiwApljU0m0JYjipZjhnn1FKy4umCDQUXUKrDuiFa3J7mVGnCcFOMsBHRRA5ehoCl-0QAvD_BwE). Acesso em 05 de abril de 2022.

Revista Época. Pela pluralidade nas passarelas. Há 40 anos modelos negras protagonizaram um desfile histórico em Versalhes. Hoje, há pouco negros nas semanas de moda. O Brasil deveria liderar a reação a esse retrocesso. Astuto, Bruno. São Paulo. Site: <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2015/05/pela-pluralidade-nas-passerelas.html>. Acesso em 12/04/2022.

G1. Globo.com. SPFW quer cota de 10% de modelos negros em desfiles. Decisão é resultado de acordo com o Ministério Público. Organizadores devem sugerir a contratação para estilistas. São Paulo. Site: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1161691-5605,00-SPFW+QUER+COTA+DE+DE+MODELOS+NEGROS+EM+DESFILES.html>. Acesso em 12/04/2022.

Jornal da Universidade de São Paulo (USP). Dados do IBGE mostram que 54% da população é negra. Eunice Prudente destaca que a mulher negra sofre tripla discriminação porque é mulher, negra e pobre. Site: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%2D%20Instituto%20Brasileiro,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20%C3%A9%20negra>. Acesso em 12/04/2022

Mundo negro. Moda e estilo. Ferraz, Gabrielly. São Paulo Fashion Week estabelece cota racial para em seus desfiles. Site: <https://mundonegro.inf.br/sao-paulo-fashion-week-estabelece-cota-racial-obrigatoria-em-seus-desfiles/> Acesso em: 12/04/2022.

Jornal A Gazeta. Fim do sexismo na moda: tomara-que-caia agora é blusa sem alça. No mês da mulher a revista Haper's Bazaar Brasil abraçou a campanha idealizada pela Hering e pede para mudar o nome da peça. Rasseli, Renata. Site: <https://www.agazeta.com.br/colunas/renata-rasseli/fim-do-sexismo-na-moda-tomara-que-caia-agora-e-blusa-sem-alca-0320>. Acesso em 12/04/2022.

Dona Zica, respeite o nosso cabelo crespo. Carolina, Ana do Preta & Power. Site Geledés: <https://www.geledes.org.br/dona-zica-respeite-o-nosso-cabelo-crespo/>. Acesso em 19/04/2022.

Artigo: Lino Gomes. Nilma. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Body and hair as symbols of black identity. Belo Horizonte. Minas Gerais. Site: [http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_textos\\_sociologia/Negra.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf). Acesso em 27/04/2022.

Artigo: Lino Gomes. Nilma. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Site: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29/04/2022.

Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Organizadores: Alberti, Verena. Araujo Pereira, Almicar. Prefácio: De Castro Gomes, Angela. Editora Pallas. Rio de Janeiro. 2016.

ALBERTI, Verena ; PEREIRA, Amilcar Araujo. História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. Site: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6831/1412.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 29/04/2022.

Chuche, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru. São Paulo. Editora Edusc. 1999.

Lei dos 2-3. Colaboração especial. De Moraes Filho, Evaristo. Bibliografia geral. Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Site: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-dos-2-3>. Acesso em 01/05/2022.

28 de setembro de 1871- Promulgada a Lei do ventre livre. Biblioteca Nacional. Site: [https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/28-setembro-1871-promulgada-lei-ventre-livre#:~:text=A%20Lei%20do%20Ventre%20Livre%20\(LEI%20N%C2%BA%202.040%2C%20DE%2028,nascidos%20a%20partir%20de%20ent%C3%A3o](https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/28-setembro-1871-promulgada-lei-ventre-livre#:~:text=A%20Lei%20do%20Ventre%20Livre%20(LEI%20N%C2%BA%202.040%2C%20DE%2028,nascidos%20a%20partir%20de%20ent%C3%A3o). Acesso em 04/05/2022.

13 de maio de 1888 – Dia da Abolição da escravatura. Biblioteca Nacional. Site: <https://www.bn.gov.br/es/node/509#:~:text=A%20Aboli%C3%A7%C3%A3o%20da%20Escravatura%20foi,liberta%C3%A7%C3%A3o%20dos%20escravos%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em 04/05/2022.

Alberti, Verena; Pereira, Almir, Araújo. Artigo: Movimento negro e “democracia racial” no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro. Fundação Getúlio Vargas – SB – Sistema de bibliotecas. Site: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6829/1504.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). 2005. Acesso em 04/05/2022.

Santos, Hélio. Artigo. Discriminação racial no Brasil. Tribunal do Justiça do estado do Ceará. [https://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao\\_racial\\_no\\_brasil.pdf](https://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf) . 2001 . Acesso em 02/06/2022.

AA Pereira, V Alberti - Revista Estudos Históricos, 2007 - bibliotecadigital.fgv.br. Fundação Getúlio Vargas. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1401>. Acesso em 02/06/2022.

Santos, Neusa. Tornar-se negro, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo. Graal, 1983.